

Lembranças de velhos: o mundo do trabalho na infância¹

Carla Fabiana Streck²
Thirzá Baptista Frison²

Resumo

Para Ecléa Bosi, uma das funções sociais do velho é recordar, ou seja, reconstruir o passado a partir de um olhar do presente. Considerando que o ato de lembrar é fundamental na resignificação da própria vida e também do reconhecimento de si, buscamos investigar as lembranças de velhos sobre o mundo do trabalho na infância e quais as características atribuídas a esse universo. O trabalho, em nossa sociedade, tem papel fundamental por ser tanto um fator de socialização, quanto de aceitação social. Lembrar o passado e, principalmente, um passado de trabalho, contribui para o aumento da integridade e da auto-estima, em especial quando se tratam de idosos aposentados. Foram examinados os relatos de onze pessoas, maiores de 60 anos, aposentadas há cinco anos ou mais, entrevistadas para a pesquisa "Identidade e Aposentadoria". Entre os principais resultados, revelou-se diferenças entre os relatos daqueles que trabalharam na infância e daqueles que não tiveram essa experiência. Foram também constatadas as influências de fatores sócio-econômicos e culturais, envolvendo nível econômico, moradia em ambiente urbano ou rural e questões de gênero. As lembranças de trabalho trazem consigo não apenas uma possibilidade de dedução do conceito de trabalho para cada entrevistado, mas também fazem referência à forma como o mundo do trabalho era constituído.

Palavras-chave: terceira idade; lembranças; trabalho.

Abstract

For Ecléa Bosi, one of the social functions of the elder is to remember, or, rebuild the past from the present outlook. Taking into account, is basic in the re-significance of his/ her own life, and also of remembering of him/ herself, the memories the elder have of his/ her childhood work world, and which characteristics are attributed to such universe, were investigated. Work, in our society, has a fundamental role not only as a socialization factor but for social acceptance as well. Remembering the past,

¹ Trabalho desenvolvido como parte da pesquisa "Identidade e Aposentadoria", de autoria de Maria da Graça C. Jaques, Olga Collinet Heredia, Sergio Antonio Carlos e Sandra Vieira Larratúa. Financiamento FAPERGS/CNPq.

² Instituto de Psicologia da UFRGS.

and mainly the work, helps increase the integrity and self-esteem, especially in retired seniors. The reports of 11 individual over 60 years of age, retired for five or more years, interviewed for the research "Identity and Retirement" were examined. Among the most important results, differences were pointed out between those who worked in his/ her childhood and those who did not have such experience. Influences of social-cultural factors were also noted, involving economic standard, living in rural or urban environment and gender. The memories of work bring along not only the possibility of inferring the concept of work for each individual interviewed, but also the reference to the form of how the work world used to be made up.

Key words: third age; memories; work.

Introdução

Estudar questões ligadas ao envelhecimento humano é algo cada vez mais necessário em nossos dias. Com o aumento da população idosa mundial e, em especial, do Brasil, torna-se imprescindível que conheçamos cada vez mais esse público, discutindo problemas e buscando soluções. A questão da aposentadoria é um desses problemas. Com o objetivo de investigar as repercussões da aposentadoria no cotidiano de vida e identidade do eu de pessoas idosas, foi realizada uma pesquisa por professores da UFRGS e UNISINOS, entre janeiro de 1997 e dezembro de 1998. A partir desse trabalho surgiu a possibilidade de estudarmos o tema "Lembranças de Idosos", que no presente trabalho será apresentado. Para isso foram analisados os relatos de histórias de vida de onze pessoas com 60 anos ou mais, aposentadas há pelo menos cinco anos, não institucionalizadas e residentes em Porto Alegre. Investigamos, assim, suas lembranças sobre o mundo do trabalho na infância e estudamos as características atribuídas a esse universo.

O ato de lembrar

Quando escolhemos como técnica de coleta de dados a história de vida, remetemo-nos a uma dimensão subjetiva, peculiar a cada indivíduo. Ao narrar sua própria história, o homem resignifica sua existência, bem como a daqueles que o escutam. Segundo Bosi

(1987, p.43), “... o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam...”.

Dessa forma, quando trabalhamos com narrativas, estamos trabalhando também com histórias, com pessoas e com suas lembranças. Se falamos em memória, mesmo com a possibilidade de tropeçarmos em suas falhas, aludimo-nos a uma dimensão tanto cognitiva quanto social. Quando a memória é atualizada pela categoria lembrança, referimos a uma representação da própria vida, sendo que a perda da memória, comum ao envelhecimento, deixa de ser tão importante. Lembrar é, então, não apenas reportar-se ao passado, mas é também reatualizá-lo e reconfigurá-lo no presente, sendo um fator importante para a idéia de continuidade e de história de vida.

Para Halbwachs (*apud* Bosi, 1987, p.17), lembrar é “... refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado...” É através dos tempos que os conceitos acerca de nós próprios e dos fatos pelos quais passamos vão sendo reformulados, considerando-se que a vida é um processo onde cada um de nós é chamado a construir o próprio presente. Recordar o passado é olhar com juras e valores presentes aquilo que se passou. Por isso, cada vez que nos remetemos a algo que se passou, estamos, na verdade, lançando um olhar atual sobre um fato de nossa história. De acordo com Ferreira (1998):

“... Se a memória é justamente identificada com sensibilidades, inscrita portanto no campo da subjetividade, ela não se cristaliza na permanência pura e simples, mas é constantemente renovada pelos novos sentidos e significados que adquire no momento contemporâneo.”
(1998, p. 221)

Mas a relação entre presente e passado não é somente unidirecional, trata-se de uma via dupla, de um ciclo permanente influenciado constantemente pelas mudanças pessoais e do ambiente no qual o indivíduo está inserido. Se hoje somos assim, pensamos de uma certa forma e não de outra, é porque nosso passado assim nos constituiu e segue nos influenciando através de nos-

sas lembranças. É através da memória e, particularmente, das lembranças que agimos no presente. Uma experiência nunca é totalmente nova, pois estamos sempre tomando como referência experiências anteriores, de onde tiramos nosso conhecimento, nossa forma de agir e perceber o mundo. Dessa maneira, o contexto sócio-cultural em que a pessoa está inserida, também vai interferir em suas lembranças. São os valores e os juízos sociais que passam a interferir na forma de ver o mundo de cada um.

O grupo ao qual pertencemos incita-nos a lembrar determinados fatos e não outros: “... se lembramos é porque os outros, a situação presente nos fazem lembrar” (Bosi, 1987, p.17). E isto se refere de forma ainda mais específica quando se trata de um contexto de conversa, entrevista ou interrogatório, onde poderia se pensar em um certo direcionamento do discurso (ainda que não sejam questões claras e específicas). Entretanto, mesmo quando há influência do grupo ou do contexto sócio-cultural, é o indivíduo que faz a relação presente-passado, de acordo com seus próprios valores e representações. Em termos de relato de história de vida, se perguntarmos sobre família ou trabalho, a pessoa vai lembrar dos acontecimentos referentes ao que ela entende por família ou trabalho. É esse caráter subjetivo da lembrança que nos permite encontrar uma grande diversidade de conceitos que podem ser agrupados em uma mesma categoria. Assim, temos o exemplo do trabalho no campo, lembrado como ajuda ou como trabalho nos relatos de Sueli³ e de Elaine respectivamente:

“... a mana limpava a casa, varria e tirava pó, quando era sábado eu ajudava a mana a fazer limpeza da casa, e foi assim que eu me criei com as minhas irmãs...”
(Sueli, 75 anos)

“... Nós éramos verdadeiras empregadas delas, nós limpávamos as salas de aula, nós cozinávamos, lavávamos todas as roupas... nós fazíamos todos os trabalhos domésticos.” (Elaine, 62 anos)

³ Todos os nomes são fictícios.

Da mesma forma que é o grupo ao qual pertencemos que nos incita a lembrar, é ele também que dá um sentido a essa lembrança. Um fato que acontece de forma isolada sem que haja alguma testemunha a relembrá-lo, a dar-lhe um certo sentido, uma certa significação, torna-se uma espécie de imagem fugidia, como numa fantasia ou num sonho. O testemunho é um fator importante para confirmar um acontecimento que irá fazer parte de nossas lembranças. A narração vem a ser uma forma de reafirmar a existência de um fato passado.

Ao recordarmos os conteúdos que estão guardados em nossa memória, nos é possibilitado reafirmar a sua existência, mas também é possível reconhecermos a nós mesmos através das transformações vividas com a passagem do tempo. É segundo o julgamento atual que fazemos dos fatos passados que podemos reformular a idéia que temos de nós mesmos, contribuindo, dessa forma, para a constituição da nossa identidade. E isso se dá a partir do ato de lembrar. Como diz Connerton (1993, p.27), "... a nossa história passada é uma fonte importante da idéia que fazemos de nós próprios". É assim que Ferreira (1998) vai estudar a relação entre memória e identidade, considerando a questão do envelhecimento. A autora propõe a discussão do papel da memória enquanto "*locus* privilegiado de construção da identidade do ser velho" (p. 208), lembrando que é depois da aposentadoria que o ser humano dispõe de mais tempo para atividades reflexivas. Da mesma forma, Bosi (1987, p. 398) coloca que "... na velhice, quando já não há lugar para aquele 'fazer', é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. É por isso que o velho tende a sobrestimar aquele fazer que já não se faz".

Duas questões surgem desse pequeno parágrafo. A primeira relaciona-se ao "fazer que já não se faz". Ainda que o velho possa realizar atividades, sempre há algo que já deixou de fazer, considerando-se o processo de sua vida, e isso manifesta-se em vários momentos de seu cotidiano. E isto surge no espaço da lembrança. A fala de América, em uma conversa informal com uma vizinha de 78 anos, exemplifica uma lembrança de algo que já não é possível fazer e que adquire um novo significado no presente:

“... e ela tava dizendo: Olha, nós não somos mais criancinha, como nós pulava cerca e tudo. Eu digo: Ah, eu pulava mesmo, eu não tinha nada.” (América, 81 anos)

A segunda questão diz respeito à relação da velhice com o lembrar. Longe de ser um “velho” que vive remoendo fatos passados, o velho que Bosi (1987) nos traz é aquele que, através de suas lembranças, contribui para a transmissão de histórias, tradições, mitos, enfim, toda espécie de conhecimento que ele possa trazer consigo. Esse tipo de conhecimento, ao qual só se tem acesso através da memória, torna-se algo humanizado se ensinado por aqueles que já estão aqui há mais tempo, o que nos permite significar o passado e, com isso, compreender o presente. É a memória dos idosos a colaborar nas formas de ver e significar o mundo em que se está vivendo.

Essa relação velhice-lembrança também nos é trazida por Viguera (1998), que coloca as seguintes funções da reminiscência no que diz respeito a uma velhice saudável: favorecer a integridade; reforçar a identidade e aumentar a auto-estima; permitir a resignificação; estimular os lutos; manifestar os êxitos da longevidade e ajudar a manter a memória coletiva. Todos esses fatores levam, em última análise, à concepção que temos acerca de nossa própria identidade, que vai sendo construída e reavaliada através dos tempos e do exercício da lembrança.

O mundo do trabalho

Estudar o tema lembranças significa entrar em um campo onde diferentes sub-títulos se incluem. Podemos nos lembrar das diversas etapas do desenvolvimento humano pelas quais já passamos, bem como pelos inúmeros eventos a que elas estão associadas. Ao trabalharmos com histórias de vida de pessoas idosas, deparamo-nos com as lembranças que elas trazem do que viveram até agora, o que nos é transmitido em várias horas de entrevista. Jamais concluiríamos uma pesquisa que visasse investigar de uma forma geral as lembranças de um indivíduo idoso. Nosso

objeto de estudo seria demasiado amplo e os resultados ficariam invadidos por diversas variáveis. Dessa forma, vimo-nos impelidas a delimitar nosso campo de estudo, procurando conhecer melhor quais eram as lembranças trazidas pelos sujeitos entrevistados acerca do mundo de trabalho em suas infâncias.

A proposta de analisar as recordações sobre o aspecto do trabalho surge a partir da idéia que se tem de que o tema trabalho se faz presente em todas as etapas da vida do ser humano, quer na forma de uma ação, ou de uma mera observação. O termo trabalho abarca vários significados, desde a multiplicidade de definições apresentadas no dicionário até os diferentes conceitos que cada indivíduo pode vir a responder quando é questionado acerca da definição do termo trabalho. Dessa forma, encontramos diversas interpretações desse vocábulo, que se demonstram, por vezes, contraditórias. Assim, o trabalho pode ser visto como meio de sofrimento e/ou prazer; estar relacionado ou não com o recebimento de um equivalente monetário; pode ou não exigir esforço, ter caráter físico e/ou intelectual, significar fonte de sobrevivência ou de obtenção de bens, bem como status social. O trabalho ainda pode ser visto como ajuda em determinados contextos; como oposição ao lazer e ao ócio; ou como forma de sobrevivência digna, em contraposição a outras formas de sobrevivência contrárias à moral vigente. Também difere enquanto processo de transformação da natureza deixar o conceito de trabalho em suspensão, vocabulário usado pelos entrevistados.

Em nosso contexto, onde o trabalho é exaltado e possui um caráter de obrigação moral, este se toma um importante elemento de definição do eu. Falamos, então, em identidade de trabalhador. Esta se constitui a partir do conceito do que é trabalho e do que não é trabalho, além dos atributos de valor que lhes são agregados pelo imaginário social (Jacques, 1995). Quando falamos em mundo do trabalho, estamos falando a respeito não somente da atividade em si, mas também ao contexto em que essa atividade se insere.

Quando investigamos as lembranças dos indivíduos idosos, buscamos, na verdade, investigar o processo de reconstrução de um passado que hoje é fonte de constituição do sujeito do presente. As recordações referentes ao mundo do trabalho remetem ao fazer que

já não se faz, mas que o identifica com o sujeito que é hoje. As lembranças que os idosos trazem consigo são lembranças que são significativas no momento atual e que tiveram relevância em suas vidas. Sendo assim, as noções que são trazidas sobre o mundo do trabalho na infância são aquelas que se relacionam com a sua vivência enquanto ser trabalhador e que transpassaram toda a sua existência.

Os resultados de nossa pesquisa apontaram primeiramente para a questão de que nem todos os sujeitos estudados trouxeram a presença do trabalho como meio de sobrevivência em suas infâncias. Três dos indivíduos entrevistados não trabalharam na infância e remetem suas lembranças do mundo do trabalho à figura do adulto. São pessoas que eram economicamente sustentadas pelos pais ou avós e viviam em um ambiente urbano, onde havia maior acesso à escola e a outros círculos de amizade. Em suas infâncias, dedicaram-se aos estudos e acabaram por se formar em algum curso superior, buscando por áreas que lhes trouxessem satisfação. A imagem do adulto enquanto trabalhador se dá a medida em que esses fizeram parte de suas vidas, tendo alguma relação com suas experiências ulteriores de trabalho.

Júlio foi farmacêutico e conta sobre a expectativa dos avós de que seguisse a mesma carreira de seu tio, que era médico. Embora isso não tenha acontecido, Júlio não deixou de seguir um caminho próximo, indo para o campo da Farmácia.

“... Eu tinha um tio médico e... era um médico de renome em Porto Alegre. Em 54 eu me formei no científico e havia uma tendência dos avós que eu fizesse medicina, era o sonho, que o filho tinha sido médico morrido jovem e um médico excepcional realmente, meu tio era uma pessoa de uma inteligência extraordinária...” (Júlio, 62 anos).

Lílian foi professora de português e atriz de teatro. Ela traz a lembrança de uma professora, tendo-a como figura de referência:

“E lá, que interessante, tinha freira de português que ela fazia teatro conosco. Nós encenamos uma peça, que foi convite para toda a cidade, Juca Pirama. Nunca me

esqueço desta peça que foi ela que ensaiou. Eu sempre achei assim que ela foi uma pessoa assim, muito evoluída, sabe.” (Lílian, aprox. 70 anos).

Décio seguiu o rumo da Odontologia e, depois de contar a trajetória profissional de seu pai e sua frustração por não ter podido estudar, narra o desejo dele de que seguisse essa carreira:

“Então nós fomos almoçar um dia, e ele disse para mim e para o meu primo: vocês vão continuar estudando e vão fazer faculdade. Um vai ser dentista e o outro vai ser médico.” (Décio, 73 anos)

Entre os demais entrevistados, aparece a figura do adulto enquanto trabalhador, mas muito mais forte é a imagem deles mesmos como trabalhadores. Em alguns relatos, o trabalho infantil foi associado a uma questão de sobrevivência. Quando já não é possível aos pais sustentar os filhos com o próprio trabalho, é preciso que estes também trabalhem para aumentar a renda familiar. Isso ocorre quando há uma aquisição de dívidas pela família, como encontramos no relato de Carlos:

“O pai levou um fracasso muito grande, ficavam devendo muito. Aí fumo obrigado a trabalhá.” (Carlos, 80 anos).

Da mesma forma, o divórcio dos pais provocou uma mudança brusca na vida de Everaldo, que foi obrigado a trabalhar e a abandonar a escola onde estudava:

“E chegou os 13 anos, minha mãe se separou do meu pai e eu fiquei com minha mãe, né, e aí perdi o colégio. Fui trabalhar numa tipografia.” (Everaldo, 78 anos).

Mas não são somente as mudanças de situação financeira as únicas responsáveis pelo trabalho infantil. No relato de América vemos que já há uma contingência anterior, porquanto também associada à necessidade econômica:

“Eu tinha 7 anos quando eu comecei trabalhá. O que eu ia fazê? Meu pai era pobre, minha mãe era pobre. O que que nós ia fazê? Tinha de trabalhá. Com 7 anos. Eu carregava arroz, pros que tavam batendo o arroz.” (América, 81 anos).

Por outro lado, quando se trata de um ambiente rural, as atividades consideradas trabalho se inserem tanto na vida da criança, como na vida dos adultos que a cercam, independente do nível sócio-econômico. Geralmente realizado pelos homens, o trabalho no mundo rural envolve toda a família em algum nível, devido à forma como a vida é estruturada nesse meio. O trabalho no campo é presença constante nos relatos dos sujeitos que experienciaram a vida nesse contexto, sendo visto como uma obrigação, já que é necessário para a sobrevivência. América e Elaine expressam isso muito bem em suas falas:

“... lá fora não é como aqui, a gente vai ali, limpa uma casa, tá pronto. Lá fora não, tem que sempre, sempre, sempre, sempre tem serviço. Sempre. E quem não quer trabalhá não... tem vaga na roça.” (América, 81 anos)

“A gente saía e recolhia vacas para ordenhar, para tirar leite para o alimento, aquelas coisas todas, mais os cavalos para cavalgar pelos campos quando se percorria ou a lavoura quando se tinha que plantar então estas atividades eram prioritárias, quase de sobrevivência, de subsistência.” (Elaine, 62 anos).

Além do trabalho aparecer ligado a uma necessidade de sobrevivência e estar intimamente relacionado ao ambiente rural, as pessoas entrevistadas também fazem referência ao trabalho doméstico. Este é visto como tipicamente feminino, sendo, por vezes, considerado como ajuda. Quando os homens idosos relatam suas infâncias, raramente fazem referência ao trabalho doméstico o que, pelo contrário, acontece com frequência nos relatos das mulheres entrevistadas. Isso ocorre, principalmente, porque as atividades de manutenção da casa eram rotina na vida das

mulheres que fizeram parte dessa pesquisa, bem como na de suas mães e irmãs, o mesmo não ocorrendo com os homens. Dessa forma, as lembranças sobre o trabalho doméstico se referem à figura da criança (menina), quanto à figura do adulto (mulher). Vários relatos revelam isso, porém, escolhemos trechos da fala de Heloísa para exemplificar essas características:

“A mãe é que tinha responsabilidade de nos educar e de nos dar os limites, era ela que nos dava os limites, as tarefas, as regras... e administrava a casa... Ela falava sempre quando o pai não estava: ‘a mãe tem tarefas a cumprir, vocês são três, a mãe não tem quem lave, a mãe não tem quem cozinhe, vocês têm que colaborar...’ O meu trabalho de colaboração com a minha mãe era tirar o pó dos móveis.” (Heloísa, 65 anos)

Já o trabalho fora do lar aparece mais associado à figura masculina. A imagem do pai ou do avô são trazidas prioritariamente e se relacionam ao trabalho fora de casa. Assim, não é incomum a lembrança da trajetória profissional do pai, como nos mostra o seguinte trecho da história contada por Décio:

“O meu pai saiu quando bem jovem, ele saiu de casa, como se dizia naquela época, para aprender um ‘ofício’, uma profissão, né... e ele foi, aprendeu a profissão de sapateiro, sapateiro, seleiro, trabalhador com couros, etc., né. E quando ele casou, o avô materno... foi o que financiou toda a indústria para ele. Aí ele começou, ele trabalhou sempre na indústria, daí evoluiu para o comércio.” (Décio, 73 anos)

Quando se trata do trabalho feminino fora de casa, este se refere à inserção da mulher em atividades culturalmente reconhecidas como femininas, tais como professora, costureira ou modista, freira, enfermeira entre outras ocupações. Mesmo assim, o trabalho feminino “fora de casa” tem suas peculiaridades. Em alguns casos, a mulher trabalha em casa e sua atividade está mais associada a uma necessidade financeira do que a uma questão de realização pessoal. É o caso da mãe e da irmã de Sueli:

“... a mãe sempre costurando, ajudando o pai... E a mãe costurava só para os parentes, para as irmãs dela, para as cunhada, para as sobrinhas, não era para gente assim estranha, e a mana, que costurava só para meninas e para as filhas das professoras, que a gente morava em frente a um colégio...” (Sueli, 75 anos)

Em outros casos, o trabalho feminino é realizado fora de casa, porém, as lembranças sobre esse tipo de trabalho são breves, pois eram realizadas apenas por adultos (com exceção do trabalho no campo, que é o que veremos a seguir). Encontramos, no relato de América, uma passagem bastante interessante sobre uma professora que teve que enfrentar uma limitação física para poder dar aula:

“No colégio era assim... e era uma mulher alejada que dava... que dava aula pra nós. Ela... tinha perdido o braço na moenda de cana... E aí ela tinha que aprendê a escrever com a mão esquerda, o que ela ia fazê? Ela tinha só um toquinho, um toquinho de braço. Assim ela dava aula pra nós, essa mulher aí.” (América, 81 anos)

Enquanto forma de realização pessoal, o trabalho feminino aparece como planejamento. Isso pode ser depreendido das decisões de Elaine e de Lílian de seguirem estudando, mesmo quando isso não era muito comum. No caso de Elaine, além de morar em um ambiente rural, onde o acesso à escola era mais difícil, ela ainda enfrentou a contrariedade do pai, quando disse que iria para o convento:

*Eu disse: ‘Olha, pai, eu vou estudar!’
- ‘Ô, Elaine, deixa de brincadeira, tu não vai ficá no convento, tu vai, tu vai passá lá e tu não vai ficá.’
- ‘Olha pai, eu vou lhe fazer uma promessa, eu vou para o convento, e se eu desistir, tu fecha as portas da casa prá mim, porque eu não vou mais voltá, eu vou estudá’.” (Elaine, 62 anos).*

Em se tratando do mundo rural, a figura da mulher aparece tanto ligada ao trabalho doméstico quanto às atividades do campo - na plantação e na lida com as criações de animais - ainda que essas ocupações sejam consideradas como “trabalho de homem”. Tanto Elaine quanto América relatam essas experiências de trabalho:

“Aí eu fazia tudo que um homem fazia. Eu pegava os bois, eu trancava os bois, eu botava os boi na carroça, eu ia prá lavoura buscar carroças de fumo, carroças de pasto, carregava tudo sozinha. Era o braço forte da casa.” (Elaine, 62 anos).

“Eu era pior que um homem, porque eu tinha de fazê tudo, tinha de ajudar tudo, pro mode que eu tinha um tio, ele não era muito certo da cabeça, né?... Com meu avô, aonde que tinha uma cerca prá fazê eu tinha que tá sempre junto com ele, eu era ‘guri’. No martelo e em tudo eu tava sempre junto com ele.” (América, 81 anos).

É comum encontrarmos nas lembranças dos sujeitos entrevistados, a descrição do ambiente de trabalho, ainda que estes fossem apenas observadores daquele meio. Heloísa descreve de maneira poética o ambiente em que viveu. Embora não utilize adjetivos para descrever o campo, fornece um material bastante rico, conseguindo com que o ouvinte/ leitor crie imagens sobre esse lugar:

“Mas é uma coisa muito linda ver uma granja de arroz... a trilhadeira, aquelas máquinas... aqueles operários... que são temporários, trabalham só na época da colheita, depois eles vão embora... Depois, quando termina a colheita do arroz, a granja fica parada; é quando se lavra a terra, com todas essas coisas assim foi uma vivência linda!” (Heloísa, aprox. 65 anos)

Esse tipo de lembrança aproxima-se de uma imagem onírica, é como um reviver do passado no tempo presente. Ainda que nossa

memória não seja fiel, e que consideremos as lembranças enquanto reconstruções, algumas imagens são guardadas e reproduzidas de maneira quase intocada. Segundo Stern (apud Bosi, 1987, p. 28-29) “... a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo da forma que é mais apropriada a ele”.

Entre os relatos daqueles que trabalharam na infância, encontramos a descrição do “como fazer”. Os saberes do trabalho são transmitidos através de suas lembranças ao mesmo tempo em que essas resignificam aquilo que foi vivido em relação ao próprio trabalho. Junto às lembranças de trabalho, aparecem comentários que dão um (novo) significado às suas próprias vivências.

América descreve a atividade que observava aos sete anos e fala da dificuldade de realizar esse trabalho naquela época:

“Naquela época tudo era sacrificada. O arroz, a gente cortava e botava o fexe aqui (apontou para o ombro) e depois a gente caregava pro que tava batendo. O que tava batendo, ele tinha uma, um banco assim, e o banco, então, dos dois lados tinha, em cada lado tinha uma tauba [tábua] prá não saltar o arroz fora, né. E aqui desse lado também. Então colhia, embaxo tinha um pano. Um pano prá não cair no chão. Então a... quem tava batendo, pegava as duas mãos cheias e fazia isso daqui... (soprar). Inté que não tinha mais nenhum grão naquela ponta. Inté que não tinha mais nada. Aí, era botado dum lado. Aí ele pegava a mesma coisa.” (América, 81 anos)

Da mesma forma, João conta quais eram as atividades realizadas no meio em que vivia e comenta seus sentimentos em relação a seu trabalho:

“Até valia, valia porque dava prazer aquela habitualidade, tinha também as lides mais raras como a tosquia das ovelhas, como banhar o gado, as ovelhas e... marcação, isto é, tinha uma marca de ferro, um sinal X distintivo, no torno daquele animal, esta marca era colocada num fogo forte ela ficava em brasa quase e depois deitava-se o animal e tal e tocava aquele negócio...” (João, 75 anos)

Carlos detalha a produção de carvão e essa lembrança atualiza a dificuldade do trabalho:

“Mas a gente fazia aí por semana duas, três caieira, quatro caieira, sempre tava queimando. E era aquela fumacera, a gente vai amassando ele, aí tá feito o carvão... Então a gente bota com um ancinho, a gente passa aquilo prá ficá bem fininha, prá entrá no meio do carvão, que é prá apagá o carvão. É, dá um trabalhão medonho.” (Carlos, 80 anos)

Para Maya (1995), a vida dos indivíduos se compõe em tempo de trabalho e tempo de não trabalho. Embora, muitas vezes, pensemos na infância como época de não trabalho, encontramos o trabalho infantil como algo natural na vida da maioria dos entrevistados. Em geral, a realização de alguma atividade, seja ela considerada como ajuda ou como trabalho, não é representada como sofrimento, nem significa a perda da infância. Pelo contrário, para aqueles que já trabalharam durante toda a vida, lembrar as primeiras experiências enquanto trabalhadores torna-se algo gratificante, em especial se já não se pode mais trabalhar.

Conclusão

As lembranças de trabalho atualizam fazeres e saberes que se julgavam esquecidos. Em todos os casos estudados, pôde-se constatar a identidade entre o que era lembrado sobre o mundo do trabalho na infância e o que foi vivido posteriormente, tanto no que diz respeito à vida privada quanto na dimensão social e profissional. Ou seja, como foi colocado por Connerton (1993), o que lembramos está relacionado com nossas vivências do presente e as nossas vivências do presente são influenciadas pelo conteúdo de nossas lembranças.

Considerando as diferenças encontradas sobre o mundo do trabalho, tal como lembrado pelos idosos entrevistados, percebemos a relação estreita entre o que foi vivido e o contexto sócio-histórico da época. Se deixarmos de lado a obrigatoriedade do

trabalho infantil por uma necessidade econômica, encontramos outro tipo de “determinação” que diz respeito ao meio em que cada um vivia e à cultura desse meio.

As diferenças entre trabalho no meio urbano e no meio rural aparecem principalmente pela maneira como o ambiente era estruturado. O acesso à escola é um dos fatores preponderantes para a socialização da criança e para que ela se ocupe de outra atividade que não apenas de lazer. No ambiente rural da época e, em alguns lugares, ainda hoje, o acesso à escola era dificultado e as distâncias entre vizinhos e amigos eram maiores. Não podendo freqüentar a escola e a casa de amigos regularmente, as crianças ocupavam-se com outras atividades comumente relacionadas ao trabalho. De forma oposta, em meio urbano as distâncias eram menores, e o acesso à escola e a outros círculos de amizade eram facilitados.

De outra maneira, devido a uma determinação cultural, encontramos diferenças entre o trabalho feminino e o trabalho masculino. O homem era visto como provedor e a mulher como “administradora do lar”. Assim, para o homem era obrigatório o trabalho fora do lar, o que envolvia também uma necessidade de estudo para os meninos, enquanto que, o que se esperava para as mulheres era um bom casamento, filhos e uma casa para cuidar, o que não envolvia, necessariamente, a passagem pela escola. Dessa maneira, o que se verifica é que o trabalho doméstico era realizado apenas por mulheres, que estavam pouco inseridas no mercado formal de trabalho. E quando se relaciona o tema trabalho com a questão de gênero, vemos que os relatos dos idosos aparecem carregados dos valores apreendidos sobre o que é uma atividade feminina e o que é uma atividade masculina, embora alguns deles realizassem tarefas de um e de outro grupo.

Dessa forma um estudo sobre lembranças nada mais é do que um estudo sobre a visão que um indivíduo tem acerca de sua história, um passado que ele próprio construiu. Assim, perguntar sobre a sua vida, é perguntar sobre a representação que ele tem de si mesmo. E aí está inserida a idéia que se faz de ser trabalhador, imagem que faz parte da vida desde a infância.

Referências bibliográficas

- 1 BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo, EDUSP, 1987, v. 1.
- 2 CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. Portugal, Celta Editora, 1993.
- 3 FERREIRA, Maria L. M. Memória e Velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam M. L. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 207-222.
- 4 JACQUES, Maria da G. C. Saúde Mental e Trabalho: a construção da identidade de trabalhador. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 7, p. 167-175, 1995.
- 5 MAYA, Valério P. Trabalho e Tempo Livre: uma abordagem crítica. In: JACQUES, Maria da G. C. et al. (Org.). *Ética e Relações Sociais*. Porto Alegre, ABRAPSO, 1995, p. 41-61.
- 6 VIGUERA, Virginia. Reminiscência. In: *Temas de Psicogerontologia*. Programa de Seminários por Internet, 1998, Tema 7.